



O DILEMA DE SELLARS: DESAFIO AO FUNDACIONISMO EPISTÊMICO¹

Carlos Augusto Sartori

O fundacionismo epistêmico, em suas várias formas, assume que há certas crenças cuja justificação não depende de outras crenças: são as crenças básicas, que constituem os fundamentos, as bases de toda a justificação epistêmica e também do conhecimento. Além disso, qualquer forma de fundacionismo assume que a justificação de todas as crenças não-básicas é derivada inferencialmente de crenças básicas. Assim, apoiado no argumento do regresso epistêmico, o fundacionismo afirma que, se há crenças justificadas, então há crenças diretamente justificadas. Ora, para explicar o que pode servir como crença básica, os fundacionistas defendem a idéia de que elas são derivadas da experiência e são por ela justificadas. Mas a idéia de que a experiência é fonte de crenças e fonte de justificação enfrenta uma séria objeção, conhecida como “o dilema de Sellars”: Se as experiências são não-conceptuais, elas não precisam de justificação, mas também não têm nenhuma para dar; se elas são conceptuais (acarretam crenças) elas podem dar justificação, mas também precisam ser justificadas e, portanto, não podem ser fundacionais. Ora, somente proposições têm relação com os objetos proposicionais das crenças. As experiências conceptuais, quando muito, têm relação causal com as crenças. A objeção presume que somente aquilo que tem justificação poderá também dá-la, mas não há argumento que mostre que isso seja assim. Além disso, o argumento é contra-intuitivo: conferir justificação não é o mesmo que transmitir justificação. Quando S justifica sua crença de que há um vaso verde sobre a mesa ele diz ‘Eu vejo um vaso verde sobre a mesa’, e o conteúdo da crença então é conceptualizado. Mas a conceptualização da indicação da base de S para a crença não implica que a própria base seja conceptualizada. O que S faz ao dizer ‘eu vejo um vaso verde sobre a mesa’ é apresentar uma razão em favor de sua crença. A razão indica a fonte da crença, a visão, mas não é ela mesma a base da crença, a experiência visual. A experiência, entretanto, tem qualidades que podem estar em relação lógica com o conteúdo da proposição em que S crê. Mas a relação de justificação é epistêmica, e não uma relação lógica. Daí que, para algo conferir justificação, não precisa que seja de modo inferencial. Assim, seguindo as argumentações de James Pryor e de Robert Audi, tenta-se aqui defender que a objeção não se sustenta. A experiência pode não ter um caráter totalmente subjetivo ou sensorial. As experiências são estados mentais que têm conteúdo proposicional: As experiências de S representam, para ele, o mundo de um certo modo, e o modo como elas representam o mundo constitui o conteúdo proposicional delas. O fato de se ter uma certa experiência apresenta à mente o conteúdo proposicional dessa experiência, dispensando qualquer crença sobre os fatos com os quais a experiência está conectada. Assim, a experiência que representa p como sendo o caso é suficiente para dar justificação para a crença de que p.

¹ Pesquisa Institucional Docente



O FUTURO DO PLANETA
TERRA

XV Seminário de Iniciação Científica
XII Jornada de Pesquisa
VIII Jornada de Extensão
de 06 a 09 de novembro

